

TURISMO INDÍGENA DE FRONTEIRA – UM OLHAR SOBRE O CHACO PARAGUAIO

Indigenous Border Tourism - a look into the paraguayan Chaco

Turismo Indígena de Frontera - una mirada sobre el Chaco paraguay

DOI 10.55028/geop.v18i35

Dionatan Miranda da Silva*
Edvaldo Cesar Moretti**

Resumo: O turismo indígena ocorre com busca dos não indígenas pela cultura indígena, uma maneira de gerar renda para as comunidades receptoras. Foram realizadas atividades de campo, observação e entrevistas com as etnias *Ayoreo* e *Chamacoco Yshir Ybitoso* no *Chaco* paraguaio. A centralidade da observação foi a relação das comunidades indígenas com o turismo. O objetivo deste texto é apresentar reflexões a partir desta experiência. O *Chaco* paraguaio tem uma rica cultura indígena, existe um trabalho realizado pela própria comunidade que ainda não ganhou os holofotes do governo, dos turistas, e das comunidades adjacentes, portanto há muito trabalho a ser realizado.

Palavras-chave: Turismo Indígena; *Ayoreo*; *Chamacoco Yshir Ybitoso*; Paraguai

Abstract: Indigenous tourism occurs as non-indigenous individuals seek to engage with indigenous culture, providing a means of income for the host communities. Field activities, observations, and interviews were conducted with the *Ayoreo* and *Chamacoco Yshir Ybitoso* ethnic groups in the Paraguayan Chaco. The focal point of the observation was the relationship between indigenous communities and tourism. The aim of this text is to present reflections stemming from

Introdução

De acordo com o Ministério do Turismo (2023) o turismo acontece a partir do deslocamento de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, desde que este seja voluntário e temporário, por qualquer motivo, desde que não exerça atividade remunerada no local visitado.

No entanto, a atividade turística é complexa, é um fenômeno social, multifacetado e dinâmico, que não podem ser desvinculados das dimensões sociais, ambientais, políticas, econômicas e culturais que influenciam e são influenciados pelos visitantes e a comunidade local onde o fenômeno ocorre (Lima; Irving; Oliveira, 2022).

O turismo pode ser compreendido por vários tipos, como o turismo rural,

* Turismólogo, doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: dionatanms@hotmail.com.

** Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor titular da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: edvaldomoretti@ufgd.edu.br.

this experience. The Paraguayan Chaco boasts a rich indigenous culture, with community-driven initiatives that have yet to garner attention from the government, tourists, and neighboring communities. Consequently, there is much work to be done.

Keywords: Indigenous Tourism; Ayoreo; Chamacoco Yshir Ybitoso; Paraguay

Resumen: El turismo indígena tiene lugar con la búsqueda de no indígenas por la cultura indígena, siendo una manera de generar ingresos para las comunidades receptoras. Se llevaron a cabo actividades de campo, observación y entrevistas con las etnias Ayoreo y Chamacoco Yshir Ybitoso en el Chaco paraguayo. La centralidad de la observación fue la relación de las comunidades indígenas con el turismo. El objetivo de este texto es presentar reflexiones a partir de esta experiencia. El Chaco paraguayo cuenta con una rica cultura indígena, con un trabajo realizado por la propia comunidad que aún no ha captado la atención del gobierno, de los turistas y de las comunidades circundantes, por lo tanto, hay mucho trabajo por realizar.

Palabras clave: Turismo Indígena; Ayoreo; Chamacoco Yshir Ybitoso; Paraguay



ecoturismo, turismo de experiência, turismo de aventura, entre outros, que estão ligados ao objetivo do turista e do local a ser visitado.

A atividade turística em sua face moderna apresenta profundos impactos nos lugares receptores que promovem reflexões sobre a atividade e formas de sua inserção na produção da geografia do mundo atual.

Estes impactos podem ser positivos ou negativos, a depender do olhar de quem o pesquisa, contudo, o turismo pode gerar a mercantilização da cultura e do lugar/território, degradação ambiental, entre outros, e por outro lado, possibilita a valorização da cultura indígena, fortalecimento da resistência, gera renda etc.

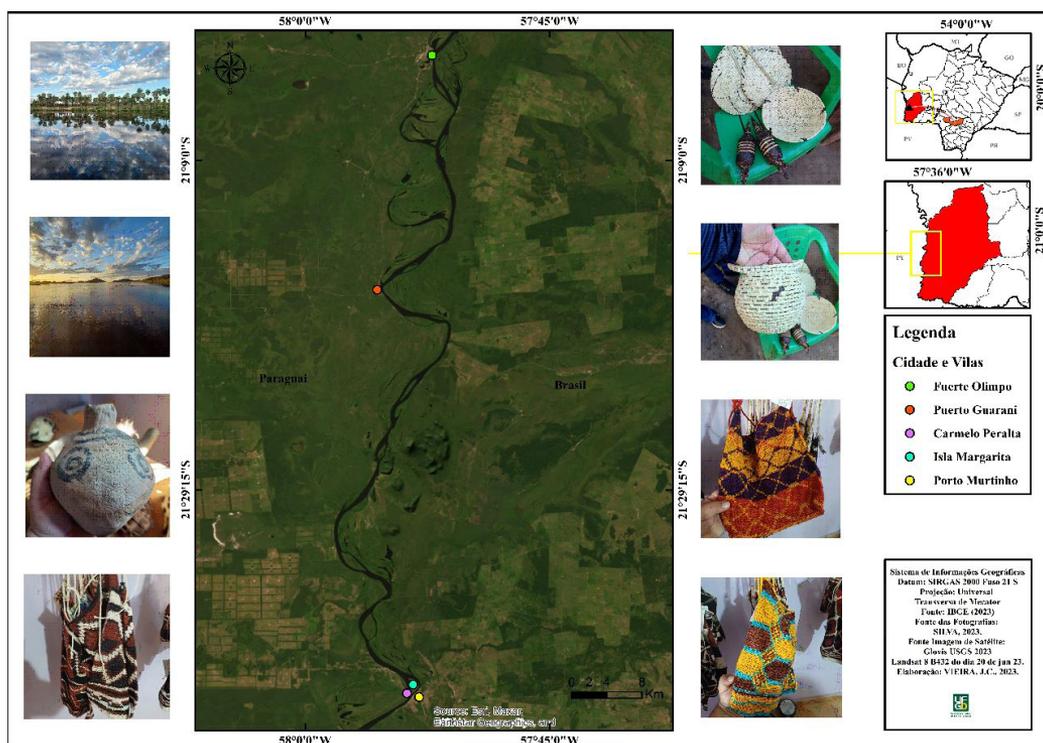
Na fronteira entre o Brasil e Paraguai existem diversas comunidades indígenas, o que corrobora com o conceito de zonas tampão que de acordo com (Ferraro Jr., 2019, p. 179)

são marcadas por interdições ou restrições ao trânsito e ao estabelecimento de núcleos populacionais nas áreas adjacentes ao limite – em grande medida tais limitações são promovidas pelo Estado nacional por meio da demarcação de terras indígenas ou da criação de unidades de conservação ambiental. Por trás desse bloqueio espaço-institucional pode haver diferentes motivações de cunho geopolítico, como a restrição de acesso a recursos naturais, a mitigação de potenciais tensões militares e a diminuição dos custos de vigilância.

O estado do Mato Grosso do Sul faz fronteira com a Bolívia e com o Paraguai, e em seu território possui comunidades indígenas, com diferentes culturas, relações com a natureza e relações sociais. Portanto, a produção do lugar é permeada por uma complexidade de fenômenos e processos mediados pela situação de fronteira.

Na busca de aprofundar o tema que desenvolvo como tese de Doutorado realizei atividades de campo no Paraguai, na fronteira com o Brasil (conforme a figura 1), visitei a comunidade indígena *Nueva Esperanza* com o povo *Ayoreo*, no município de Carmelo Peralta, e no distrito de *Fuerte Olimpo* a comunidade *Chamacoco Yshir Ybytosó*. A centralidade da observação foi a relação das comunidades indígenas com o turismo, nesse sentido, o objetivo deste texto é apresentar reflexões a partir desta experiência.

Figura 1 - Mapa de localização



Organizado por: Silva, 2023.

Turismo indígena?

Existem alguns conceitos relacionados à atividade turística em Terra Indígena ou aquelas realizadas por povos indígenas, os mais encontrados são: Ecoturismo Indígena, Etnoturismo, Turismo Étnico e Turismo Indígena.

O Ecoturismo Indígena foi definido por Faria (2007) como o ecoturismo realizado dentro do Território Indígena e seus limites, de acordo com as bases do ecoturismo, onde se respeitam os valores sociais, ambientais e culturais dos povos envolvidos, vistos que estes que são os responsáveis pelo planejamento e gestão da atividade, e que a comunidade seja a principal beneficiada.

O Etnoturismo por sua vez é um termo mais abrangente, pois ele pode ser utilizado para diversas culturas, e de acordo com Faria (2007) é uma vertente do Turismo Cultural e que utiliza a identidade e a cultura de um determinado grupo étnico como atrativo. Para González (2008), o Etnoturismo é baseado nas atividades e benefícios que os turistas usufruem, independente da maneira como são construídas estas atividades.

O Turismo Étnico também é visto como um tipo de Turismo Cultural, e de acordo com Brasil (2010, p. 20) é o turismo que “envolve a vivência de experiências autênticas e o contato direto com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos.” Essa definição demonstra que este conceito abrange outras etnias também, por este motivo tem sido visto os autores utilizarem a terminologia “turismo étnico indígena” em trabalhos mais recentes.

Para González (2008) o turismo indígena é o meio pelo qual as comunidades indígenas compartilham sua cultura, seus usos e costumes, e isso permite que haja uma revalorização e preservação de seus elementos culturais, bem como o reconhecimento da sua identidade na interação com o meio ambiente de maneira sustentável, ao mesmo passo que possibilita o desenvolvimento da comunidade de maneira integral sustentável, responsável e solidário.

Para Faria (2007) o Turismo Indígena pode ser realizado dentro ou fora dos limites do Território Indígena, desde que seja baseada na identidade cultural dos povos indígenas e que a atividade seja gerida pela própria comunidade.

González (2008) corrobora com a ênfase na construção participativa da comunidade para oferecer os serviços de alimentação, hospedagem, guias especializados e práticas cosmológicas que façam parte da identidade cultural da comunidade indígena receptora.

Contudo, entendemos que o conceito que melhor enfatiza a atividade turística planejada, gerida e administrada por povos indígenas de uma maneira mais completa e adequada a manutenção da cultura, revalorização e resistência dos povos indígenas é o Turismo Indígena, para tanto, trataremos a atividade neste trabalho dentro desta definição.

Turismo indígena na fronteira - Chaco paraguaio

O *Chaco* é um bioma caracterizado por vegetação de savana, floresta e áreas alagadas, pantanosas, na América do Sul, sendo encontrado na Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil, nesse último caso denominado Pantanal.

Porto Murtinho é município de Mato Grosso do Sul, fica a 443 Km de Campo Grande capital do Estado, o principal tipo de turismo realizado é o “turismo de pesca”, muito forte na região.

Ele faz fronteira com Carmelo Peralta no Paraguai, tendo o rio Paraguai como limite político-administrativo, onde já podemos encontrar uma comunidade indígena, os *Ayoreo*, que pela proximidade com a cidade brasileira, muitos indígenas trabalham como catadores de isca, alguns mais qualificados atuam como guias de pesca, e os indígenas mais jovens estão buscando se qualificar fazerem esta função.

Na comunidade, existe um pequeno museu (figura 2), denominado “*Museo Verde*” cujo mural foi idealizado e confeccionado pelas crianças, com temas da natureza e cultura, que fortalece a identidade, o patrimônio e a cultura do povo *Ayoreo*.

Figura 2 - Museu Verde



Fonte: Silva, 2023.

Neste museu podem ser encontrados artesanatos da etnia *Ayoreo*, bem como livros pedagógicos, outros que retratam a cultura, a identidade e aspectos cosmológicos ancestrais da comunidade *Ayoreo*, conforme pode ser visto na figura 3.

Figura 3 - Livros e artesanato indígena *Ayoreo*



Fonte: Silva, 2023.

Outro aspecto cultural-identitário (em “modernização”) das comunidades indígenas do *chaco* paraguaio é o tipo de construção das casas, mas que não é muito levado em consideração na apresentação da cultura *Ayoreo*, e que para se notar precisa estar com olhar atento ao ambiente como um todo.

As residências (figura 3) são construídas com uma palmeira típica do *chaco* (Paraguai, Bolívia, Argentina) e do pantanal (Brasil), a palmeira Carandá (*Copernicia alba*).

Figura 4 - Casas construídas com Carandá



Fonte: Silva, 2023.

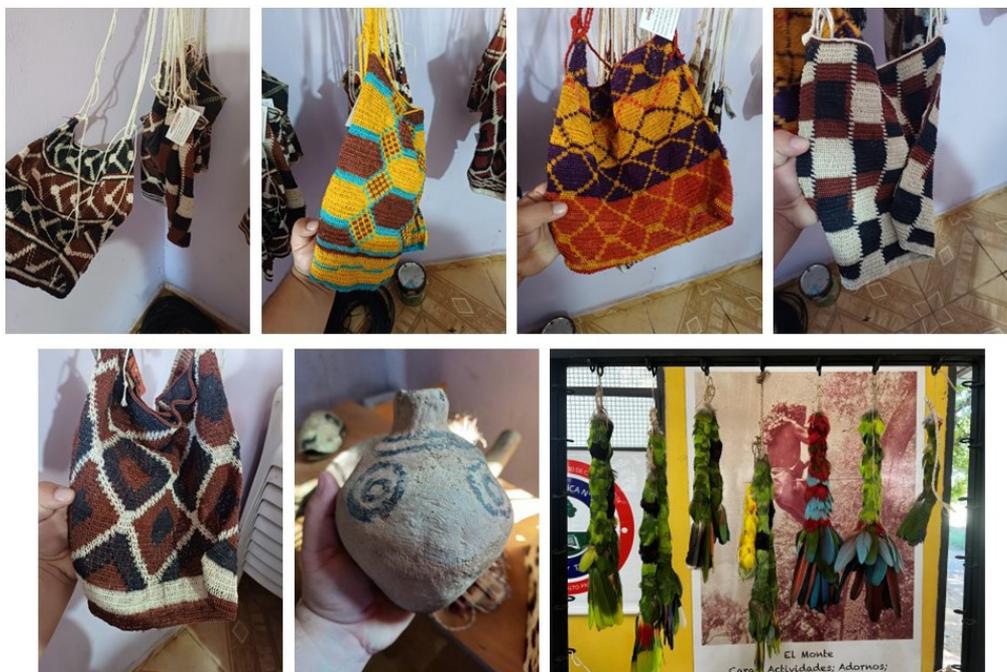
O Carandá é uma palmeira importante para as comunidades chaquenhas, pois além da construção das casas com o caule, as folhas da palmeira são utilizadas para fazer a cobertura das casas e para o artesanato também. Abaixo, na figura 5 vemos um bosque de Carandá, mais conhecido como “Carandazal”.

Figura 5 - Carandazal



Fonte: Silva, 2023.

Na comunidade *Nueva Esperanza* em Carmelo Peralta encontramos os artesãos organizados através da *Asociación de Artesanas Ayoredie de Nueva Esperanza e Jogasui* com a sede *La casa del arte y artesanía Ayoreo*, com diversos produtos, conforme a pode ser visto na figura 6.

Figura 6 - Artesanato Ayoreo

Fonte: Silva, 2023.

Na comunidade *Nueva Esperanza*, o senhor *Guebei*, uma liderança local, que participou até de filmes concorrentes a prêmios na Europa, faz uma recepção na casa de artesanato e conta a história da etnia *Ayoreo*, explica como era a distribuição da população; comenta sobre os costumes tradicionais, que ainda é pouco praticado; sobre o artesanato confeccionado com a fibra do Caraguatá, bem como demonstra a planta, explica que o mesmo é feito pelas mulheres, que agora também estão confeccionando colares, pulseiras, etc.

O senhor *Guebei* também fala um pouco sobre as dificuldades para manutenção da cultura, que faltam incentivos financeiros e projetos governamentais, e, não perdendo a esperança, fala também das ideias para o futuro da comunidade (aponte a câmera do celular para o *QR-Code* na figura 7 e veja o vídeo).

Por ser uma comunidade mais próxima de Porto Murtinho, a visita ocorre com mais frequência, pois basta atravessar o rio e conhecer, e isso também é um fator positivo para vender o artesanato em solo brasileiro; e quando se fala em fronteira, para eles, ela é símbolo de geração de renda, pois seu público está próximo e a moeda não é problema, pois na margem do rio já se pode fazer o câmbio entre real e guarani.

Figura 7 - Fala da liderança *Ayoreo*

Organização: Silva, 2023.

Subindo o rio Paraguai, em *Fuerte Olimpo*, encontra-se a comunidade indígena da etnia *Chamacoco Yshir Ybitoso*, onde há um local de venda de artesanatos, no entanto ele se encontrava fechado, pois a pessoa responsável tinha ido vender artesanatos fora, conforme relatado pela indígena, dona *Simeona*.

A senhora *Simeona* trabalha com artesanato há 25 anos na região, e relata que existe muita dificuldade para a comercialização *in loco* devido à distância da fronteira com a cidade de Porto Murtinho, e a grande maioria de turistas que ali chegam são pescadores, e não se interessam muito pelo artesanato.

Para que as vendas sejam maiores, as artesãs (em sua grande maioria mulheres) tem uma estratégia, em que as famílias se juntam, alugam o transporte, e vão para Porto Murtinho para o vender. A senhora *Simeona* também mostra a matéria-prima utilizada para confeccionar o artesanato e explica as outras utilidades para ela.

O artesanato indígena *Chamacoco Yshir Ybitoso* é confeccionado em palha da palmeira Carandá, citada anteriormente, e a coloração marrom é dada por outra árvore, que possibilita os detalhes das peças, como pode ser visto na figura 8.

Figura 8 - Artesanato Chamacoco Yshir Ybitoso

Fonte: Silva, 2023.

Através das observações realizadas em campo, é notável a riqueza cultural existente na fronteira, no *Chaco* paraguaio. O turismo indígena realizado apresenta um potencial muito grande a ser desenvolvido, as comunidades visitadas já demonstram seu trabalho com a venda de artesanatos e com a explicação da produção.

O turismo de pesca também é feito por indígenas, jovens e homens, para ajudar na renda das famílias, eles vendem os peixes na cidade de *Fuerte Olimpo*; alguns trabalham catando isca e outros estão se qualificando para serem guias de pesca.

A parte cultural, principalmente de confecção de artesanato, em ambas as etnias é feito pelas mulheres, que são as mesmas que divulgam e vendem seus trabalhos aos visitantes que chegam às comunidades ou na cidade de Porto Murtinho.

Existe a procura pelo conhecimento do outro, do diferente, da cultura dos povos originários, ou seja, existe demanda, e o *Chaco* paraguaio tem uma rica cultura indígena, que ainda não ganhou os holofotes do governo, do turista, e das comunidades adjacentes.

Considerações

O trabalho de campo bem como a observação são de suma importância para se conhecer a realidade *in loco*, e dessa forma compreender a dinâmica da atividade turística que se concretiza no território.

A fronteira Mato Grosso do Sul-Alto Paraguai apresenta um grande potencial para a produção do turismo de fronteira, com relevância histórica, paisagens valorizadas do Chaco/Pantanal, sem contar com a cultura indígena presente, portanto potencialidade até mesmo para o turismo indígena de fronteira.

Já existe um trabalho realizado pelas comunidades indígenas visitadas. No entanto, existem alguns pontos que devem ser levados em consideração, como por exemplo, somente a venda de artesanato é comercializada, visto que a cultura indígena é muito maior que somente sua arte.

Uma questão muito latente é com relação a gestão dos resíduos sólidos, principalmente na comunidade em Carmelo Peralta, foi visto muito lixo na chegada e no caminho percorrido até o local de visitação e compra de artesanato.

A distância foi um fator bastante levado em consideração, pois a demanda para o artesanato indígena ocorre principalmente em Porto Murtinho, isso é um fator maior para os *Chamacoco* que vivem em *Fuerte Olimpo*, pois a distância é maior até a cidade.

Outra questão apresentada, é o pouco apoio governamental para o desenvolvimento do turismo nas comunidades visitadas, sendo que os projetos que possibilitaram a construção das sedes, a compra de uma moto (comunidade *Nueva Esperanza*), a confecção de etiquetas etc., foi feita com apoio de órgãos não governamentais.

Um ponto bastante positivo para se desenvolver o turismo indígena de fronteira é a existência de locais já previamente organizados, primeiramente para o comércio de artesanato, mas que com uma programação prévia, com aumento de demanda, entre outros, pode se tornar um gerador de divisas para a comunidade e auxiliar na manutenção da cultura *Ayoreo* e *Chamacoco Yshir Ybitoso*.

Além do que já foi citado, outra possibilidade que está para acontecer é a construção da ponte que liga o Brasil e Paraguai que faz parte de um projeto maior que é a Rota Bioceânica, um corredor rodoviário com extensão de 2.396 quilômetros que ligará os dois maiores oceanos do planeta, do Atlântico ao Pacífico, promovendo integração da América do Sul com quatro países: Brasil, Paraguai, Argentina e Chile; e promete proporcionar uma integração cultural entre os países latino-americanos, cujas comunidades indígenas da fronteira poderão se beneficiar com o aumento do fluxo de pessoas.

Contudo, existe um trabalho, mas o potencial ainda é muito maior do que se faz hoje, nesse ínterim, acreditamos que pesquisas devem ser realizadas com as comunidades indígenas da fronteira, um trabalho de qualificação com a comunidade, principalmente para prepará-la para esta possibilidade de futuro com a concretização da Rota Bioceânica.

Deixamos então algumas provocações/questionamentos para os próximos trabalhos como: a Rota Bioceânica passando pela região, irá aumentar a demanda de visitantes nas comunidades indígenas da fronteira? Caso aumente a demanda, os indígenas estarão preparados para supri-la? Como facilitar a comercialização do artesanato indígena na fronteira?

Referências

- BRASIL. **Cadernos de Segmentação: Turismo Cultural – Orientações Básicas**. 3. ed. Brasília: MinTur, 2010.
- FARIA, I. F. de. **Ecoturismo indígena - território, sustentabilidade, multiculturalismo: princípios para a autonomia**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FERRARO JR, V. G. Desenvolvimento e integração das fronteiras brasileiras: análise comparada dos Arcos Norte, Central e Sul. In: LUDWIG, F. J.; BARROS, L. S. (Orgs.). **(Re)Definições das Fronteiras: os desafios para o Século XXI**. Foz do Iguaçu: Editora IDESF, 2019. v. 3. p. 177-210.
- GONZÁLEZ, M. M. ¿Etnoturismo o turismo indígena? **Teoría y praxis**, n. 5, p. 123-136, 2008.
- IRVING, M.; CALABRE, L.; BARTHOLO, R.; LIMA, M. G.; MORAES, E. A.; EGREJAS, M. (Orgs.) **Turismo, natureza e cultura: diálogos interdisciplinares e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. **Dados e Fatos - Turismo**. 2023. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/gloss%C3%A1rio-do-turismo/67-outros/gloss%C3%A1rio-do-turismo/901-t.html#:~:text=1,os%20agentes%20econ%C3%B4micos%20do%20turismo>>. Acesso em: 18 jul. 2023.